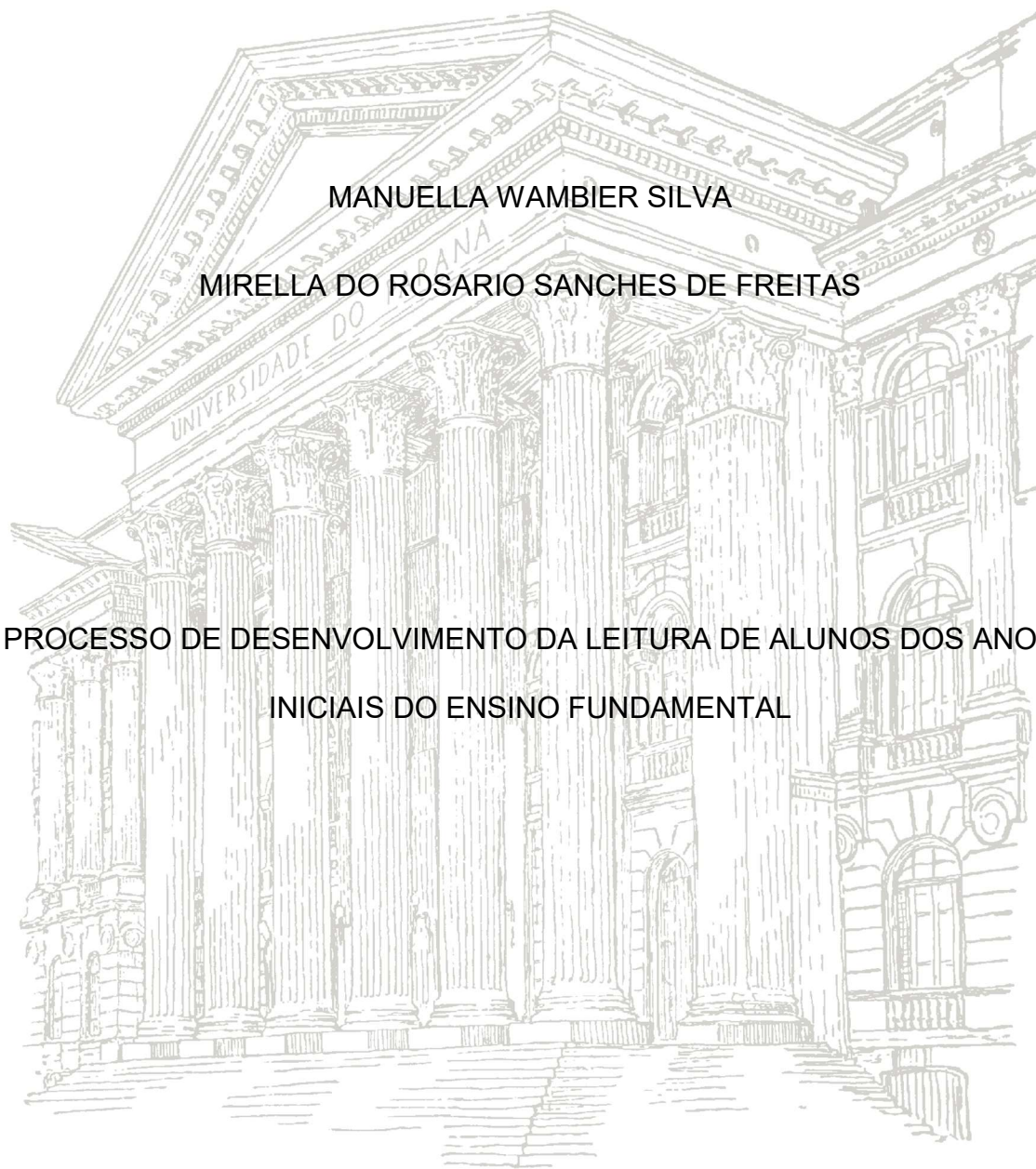


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MANUELLA WAMBIER SILVA

MIRELLA DO ROSARIO SANCHES DE FREITAS

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DE ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



CURITIBA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MANUELLA WAMBIER SILVA

MIRELLA DO ROSARIO SANCHES DE FREITAS

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DE ALUNOS DOS ANOS

INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da disciplina, como requisito parcial à conclusão do curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciana Ribeiro Pinheiro.

CURITIBA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Curso de Graduação em Pedagogia / EaD

Magistério da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental

TERMO DE APROVAÇÃO PARA BANCA DE DEFESA DO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DO CURSO

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DE ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MANUELLA WAMBIER SILVA

MIRELLA DO ROSARIO SANCHES

Apto para submissão a banca de defesa do TCC

Orientadora: Prof^a Dr^a. Luciana Ribeiro Pinheiro

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Deus, por ter nos dado saúde e forças para superarmos as dificuldades e alcançarmos nossos objetivos.

À Universidade Federal do Paraná, aos professores e especialmente à nossa orientadora, Professora Dr^a Luciana Ribeiro Pinheiro, pelo suporte e confiança durante a realização deste trabalho, por suas correções e seu estímulo estando sempre disposta a ajudar e a contribuir para nossa formação.

Agradecemos também às nossas famílias, pelo amor, apoio e incentivo incondicional durante os momentos mais difíceis.

E a todos que de alguma forma colaboraram para nossa formação, muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda a importância da leitura para a aprendizagem, suas características, a relevância do contato da leitura no contexto familiar através de estímulos, sua importância em sala de aula, como a escolha da literatura pode colaborar para o gosto pela leitura, qual o papel do professor leitor e, como o hábito pela leitura estimula a imaginação, o pensamento crítico e reflexivo. Seu objetivo geral é mostrar a importância da leitura para a aprendizagem da criança a partir de estímulos na sala de aula e no contexto familiar. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o assunto.

Palavras chave: Leitura. Importância da Leitura. Ensino fundamental.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
1.1.	PROBLEMA.....	8
1.2.	Objetivos.....	8
1.2.1.	Objetivo Geral.....	8
1.2.2.	Objetivos específicos.....	8
1.3.	ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	9
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1.	O que é ler.....	10
2.2.	Tipos de leitura.....	13
2.3.	A fluência em leitura: velocidade e compreensão.....	15
2.3.1.	Releitura.....	16
2.4.	Desenvolvimento da compreensão da leitura.....	18
2.5.	A relevância da leitura no contexto familiar.....	20
2.6.	A importância da leitura na sala de aula.....	24
2.7.	Como a escolha da literatura pode colaborar para o gosto pela leitura.....	27
2.8.	O papel do professor leitor.....	29
2.9.	Como o hábito pela leitura estimula a imaginação, o pensamento crítico e reflexivo	33
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

4. INTRODUÇÃO

O trabalho proposto tem por objetivo mostrar a importância da leitura para a aprendizagem da criança a partir de estímulos na sala de aula e no contexto familiar, enquanto sujeitos inseridos em uma sociedade letrada.

Segundo o MEC (2012):

O Brasil tem atualmente cerca de 16 milhões de analfabetos e metade deste número está concentrada em menos de 10% dos municípios do país. No Brasil existem 16,295 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever pelo menos um bilhete simples. Levando-se em conta o conceito de "analfabeto funcional", que inclui as pessoas com menos de quatro séries de estudo concluídas, o número salta para 33 milhões.

Todas as crianças têm o direito de ler, o direito à leitura deve ser assegurado a todos. Sendo a leitura instrumento básico para a informação e o saber, a aquisição desta habilidade deve ser garantida a todos, promovendo assim, bases para o desenvolvimento pessoal e da própria sociedade. (WITTER, 1997).

Contudo, como apontam os dados do MEC, nem todos tem acesso a esse direito e muitos terão seu primeiro contato com a leitura quando entram na escola. O acesso ao aprendizado da leitura é um dos muitos desafios da escola.

Foucambert (p.123, 1994) afirma que:

O acesso à escrita é o único meio de alcance da democracia e do poder individual, o qual ele define como a capacidade de compreender por que as coisas são como são e que não se confunde com os poderes permitidos ou facilitados pelo *status* social do indivíduo. Desta forma, ele diferencia o Poder dos poderes, dizendo que o primeiro permite ir além do que é evidente, possibilitando a descoberta das relações por detrás das circunstâncias, situações ou coisas, estando, portanto, ligado à *transformação*; enquanto os poderes

encontram-se na *reprodução* e na compreensão estática e não reveladora do real.

Os professores atuantes no Ensino Fundamental muitas vezes encontram dificuldades para lidar com o ensino da leitura. Através desta pesquisa, buscamos compreender a importância da leitura na sala de aula, assim como o papel do professor e das famílias neste processo.

1.1. PROBLEMA

Qual a importância da leitura para a aprendizagem?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo Geral

Aprofundar conhecimentos a respeito da importância da leitura para a aprendizagem da criança a partir de estímulos na sala de aula e no contexto familiar.

1.2.2. Objetivos específicos

- Compreender por que é importante a leitura na sala de aula, buscando refletir sobre como o hábito pela leitura estimula a imaginação, o pensamento crítico e reflexivo;
- Apontar a relevância de estímulos de leitura no contexto familiar;
- Entender de que maneira a escolha da literatura pode colaborar para o gosto pela leitura;

1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O que é ler

A leitura é o ato de ler, de interpretar um conjunto de informações e de apreender o conteúdo de um texto escrito. Contudo, a leitura não deve ser confundida apenas com decodificações de letras e palavras. Não basta ler de maneira funcional. É preciso interpretar, refletir e entender o que se está lendo, caso contrário estaríamos falando do analfabetismo funcional, denominação dada ao indivíduo que sabe ler, decodifica códigos, frases, textos, mas não consegue interpretar os mesmos. Saber ler é muito mais do que apenas decodificar as palavras.

Segundo os Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa (2000), a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto.

O ato de ler deve ser reflexivo, a partir de uma leitura crítica e da ressignificação daquilo que foi lido. A leitura não deve ser mecânica, sem compreensão. Para ser qualificada como leitura crítica, é necessário haver uma reflexão e transformação dos significados lidos, a partir do diálogo com o autor do texto, posicionando-se diante dele.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1993, P. 11)

Com esta citação de Freire, é possível entender que a compreensão do texto, através da leitura crítica, é alcançada graças à relação feita pelo leitor, entre o texto lido e o contexto vivido, ou seja, a relação entre suas experiências de vida e o texto. Se não há esta relação, o leitor pode apenas entender aquilo

que está escrito, mas não tomar uma posição sobre a leitura realizada, e acreditar em tudo o que foi escrito como verdade absoluta.

Segundo Loyola (1993), leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, dos agentes e da vida.

Quanto mais o sujeito lê, mais ele é capaz de indagar e alterar o significado sobre o que foi lido. A leitura proporciona ao leitor novos conhecimentos não presentes em seu contexto, e quando são interiorizados, se relacionam com sua vida, abrindo um leque de novas possibilidades e experiências.

A leitura em nossa sociedade tem também a função de proporcionar conhecimentos básicos, vindo a contribuir para o exercício da cidadania. De acordo com Molina (1992), o indivíduo leitor seria capaz de, através da leitura, satisfazer as demandas da sociedade, conhecendo, agindo e interferindo nos seus direitos de cidadão, adquirindo condições de conhecer o mundo e nele poder agir. Uma pessoa que sabe ler é capaz de conhecer seus direitos e deveres, atuando criticamente e podendo agir de maneira ativa na sociedade.

Ler é uma das mais importantes portas de entrada para o conhecimento. A leitura nos promove uma forma de acesso às informações escritas, desenvolve o pensamento crítico, expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação, aumenta o vocabulário, estimula a criatividade e proporciona as mais diferentes emoções. Além disso, a leitura promove a habilidade de escrita, pois a escrita e a leitura são complementares uma a outra. Só é possível escrever se souber o que foi escrito, ou seja, saber ler.

Segundo os Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa (2000, p. 53):

“O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que

escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.”

Para Cagliari (1993), o leitor deverá primeiramente decifrar a escrita, entendendo a linguagem do texto e depois decodificar todas as implicações encontradas ali, refletindo e formando sua própria opinião a respeito do que lê.

É importante entendermos que a escola muitas vezes acaba formando grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas, por outro lado, apresentam enormes dificuldades de compreensão do texto lido. Assim, para se tornar um leitor competente, é interessante realizar uma prática constante de leituras de texto.

É preciso fornecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprender a ler, usando procedimentos utilizados pelos bons leitores, para assim serem capazes de conseguir fazer relação com seus conhecimentos prévios e começar a descobrir os novos.

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (PCN, p.56, 2000)

É de suma importância a escola respeitar a particularidade de leitura de cada um. A interpretação que o aluno fez do texto pode ser muito diferente da esperada, porém devemos sempre lembrar que cada aluno tem uma bagagem cultural diferente, cada um pode interpretar o mesmo texto de maneira diferente, de acordo com a sua realidade, com a sua vivência. Além disso, há textos nos quais diferentes interpretações realmente fazem sentido. Portanto, deve-se ser superado o mito da interpretação única, como muitas vezes presenciamos na escola.

A escola deve criar momentos, situações e espaços para os alunos construírem e ampliarem o hábito de leitura. Deve-se pensar de maneira didática, saber com quais textos e como trabalhar, pois a grande maioria dos problemas que os alunos enfrentam ao longo dos anos escolares decorre de problemas de interpretação de leitura.

2.2. Tipos de leitura

Segundo Pires (2011), no livro “Alfabetização e Linguística”, Luiz Carlos Cagliari (1993) retrata que a leitura pode ser ouvida, vista ou falada, cada uma com sua importância e usada em diferentes fases. Para Cagliari, a leitura falada é a mais utilizada nos primeiros anos de escola e em algumas situações do dia a dia, porém há uma resistência das pessoas quando se trata de ler em voz alta, elas se sentem envergonhadas. Isso ocorre pelo fato da leitura ser vista como algo que deve atender a expectativa da realização plena do dialeto padrão, assim, as pessoas envergonham-se de seu próprio dialeto, preconceito esse nunca desfeito pela escola, pelo contrário, sempre incentivado.

Pires (2011), citando Cagliari (1993), explana que as crianças entram em contato primeiramente com a leitura oral, onde os adultos lêem as histórias para elas. Para Pires (2011), nesse caso a leitura não é feita somente por quem lê, e sim por quem escuta também. Muito do que se ouve em televisão ou rádio pode trazer benefícios para as crianças, pois ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos.

A leitura da TV e dos demais meios de comunicação se inicia com a leitura da imagem que é precedida pela leitura das coisas, dos objetos, das pessoas, dos eventos que desfilam diariamente em nosso cotidiano. (PACHECO, 1991, p.94).

Para Allende e Condemarín (2005), a leitura oral desempenha um papel importante nas séries intermediárias como um meio de avaliação, de aprendizagem, de comunicação e de desenvolvimento da personalidade. Para

os autores, a leitura oral é mais difícil do que a leitura silenciosa, pois para realizá-la, o leitor deve reconhecer todas as palavras, expressá-las verbalmente (fazendo as pausas adequadas indicadas pelos sinais de pontuação), dar a entonação correta, adaptar a expressão, a altura da voz e a velocidade ao ritmo dos ouvintes para ser escutado e compreendido por eles.

Alliende e Condemarín (2005) também enfatizam a necessidade de se evitar que a leitura oral se torne uma atividade mecânica para o leitor a ponto dele se esquecer o que está lendo, para captar significados e comunicá-los.

Segundo Cagliari (1993), outro tipo de leitura, a silenciosa, é a mais comum entre as pessoas, porque não inibe o leitor e é possível estipular a velocidade de leitura desejada, podendo reler algumas partes e até mesmo fazer pausas, ao contrário da leitura oral. Pires (2011), conclui que a leitura silenciosa favorece a reflexão sobre o conteúdo do texto, ao se ouvir uma história também é possível refletir, e, ressalta a existência de alguns textos escritos com o intuito de serem ouvidos.

Alliende e Condemarín (2005) enfatizam a importância da leitura silenciosa e comentam um pouco sobre o Programa de Leitura Silenciosa Contínua (LSC), feito com o objetivo de promover o desenvolvimento do prazer de ler e melhorar as atitudes e os interesses de leitura.

O Programa de Leitura Silenciosa Contínua (LSC) em sua essência é muito simples: os alunos escolhem voluntariamente uma leitura de seu agrado; a professora faz o mesmo, e depois, cada um lê em silêncio e sem interrupção durante um tempo determinado. A seguir, a professora não exige dos alunos nenhuma tarefa relacionada com a leitura. Os alunos não têm de responder perguntas, redigir relatórios, nem ler um certo número de páginas. Supõe-se que o educador e os alunos podem reagir espontaneamente em relação ao que foi lido e podem compartilhar as suas leituras mutuamente. Deve-se dispor na sala de aula de uma ampla variedade de materiais, e os períodos de leitura oscilam entre 10 e 20 minutos. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, p. 99, 2005)

A leitura silenciosa é importante por diversas razões. Ela possibilita a assimilação de maior quantidade de linguagem escrita em comparação à leitura

oral, pois o leitor não necessita articular cada palavra. Pode saltar os conteúdos já muito conhecidos e óbvios, pode reler caso não tenha entendido, reler o que lhe agrada, além de poder adaptar a velocidade ao seu próprio ritmo e utilizar estratégias pessoais para uma maior assimilação do conteúdo.

Contudo, vale lembrar a necessidade de não diminuir a importância da leitura oral nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura, as crianças devem ser estimuladas a ler textos que incitem ser compartilhados pelas demais. Através da leitura oral, o professor também poderá obter muitos indícios para avaliar a competência do educando sobre a compreensão e a fluência.

2.3. A fluência em leitura: velocidade e compreensão

Para McGuinness (2006), um dos objetivos do ensino da leitura é garantir que as crianças aprendam a ler com precisão e rapidez (fluência). Segundo a autora (p.144, 2006):

Pesquisadores e educadores, acreditam que a fluência é um subproduto de uma decodificação precisa. Certamente é fato que decodificadores imprecisos são leitores vacilantes e não-fluentes. Mas o reverso não é verdadeiro. Um leitor lento não é necessariamente impreciso.

A velocidade não é um fator determinante para saber se o sujeito é um leitor preciso ou não, o aluno pode conseguir ler um texto de maneira rápida, mas não entender o que está escrito, assim como um sujeito que lê de maneira mais lenta, pode entender tudo.

Segundo McGuinness (2006), há dois tipos de leitores lentos. Aqueles que lêem devagar por não conseguirem decodificar as palavras e aqueles que lêem devagar apesar de boas habilidades de decodificação. Para a autora, o primeiro tipo de leitor precisa de mais ajuda nas habilidades de decodificação e o segundo tipo precisa apenas de ensino na fluência. Porém, “a variabilidade por idade e as

diferenças individuais na velocidade de leitura significam definir um 'leitor lento' não sendo uma tarefa fácil". (MCGUINNESS p. 145, 2006)

De acordo com a leitura de McGuinness (2006), compreendemos a "leitura lenta" sendo relativa, além de depender da variabilidade de idade, depende do sistema de escrita no qual a criança está inserida. "'Lentidão', parece estar relacionada ao sistema de escrita e não a uma propriedade da criança". (p. 145, 2006)

Para afirmar tal ideia, a autora cita a pesquisa realizada em Salzburgo e Londres, onde crianças austríacas de 7 anos de idade e com um ano de escola liam tão rapidamente quanto crianças inglesas de 9 anos de idade e com quatro anos de escola. Assim, a autora diz não haver diretrizes para se determinar velocidade de leitura ideal e afirma que a velocidade estando muito relacionada ao sistema vigente de escrita.

2.3.1. Releitura

Uma das técnicas mais usadas por professores para aumentar a velocidade de leitura dos alunos é a releitura, leitores lentos conseguem ler mais rápido após terem lido a mesma história ou passagem muitas vezes (MCGUINNESS, 2006).

Para McGuinness (p. 151, 2006):

A releitura pode ser eficaz quase imediatamente, e as crianças podem alcançar uma velocidade-alvo quando assim solicitadas. A velocidade de leitura mostra um efeito de transferência, principalmente quando há alguma coincidência nas palavras. A releitura, pode ser consideravelmente mais eficaz do que ler o mesmo número de histórias diferentes.

É possível refletirmos a respeito do quanto o método de releitura é interessante. Conforme McGuinness (p. 151, 2006) "a releitura, pode ser consideravelmente mais eficaz do que ler o mesmo número de histórias

diferentes”. Nesses termos, as palavras podem ser reconhecidas de maneira mais eficiente quando a fluência é adquirida.

Entretanto, o problema central com essa técnica é se a velocidade melhorada em uma história vai se transferir para outra. Se a fluência é específica de uma única passagem ou história, a técnica de releitura não tem sentido. (MCGUINNESS p. 145, 2006)

Ou seja, o problema em usar a técnica da releitura é a fluência poder vir a ser específica em uma única passagem ou história, pelo fato de já ter sido lida mais de uma vez, e, se esta fluência não se transferir para outros textos, a técnica da releitura acaba não tendo muito sentido, o sentido da palavra lida pelo sujeito pode não ter sido compreendido.

Pesquisas realizadas por McGuinness (p. 157, 2006) mostram que:

Quando o texto é difícil, a repetição de palavras ajuda e a coincidência no conteúdo ajuda menos. Quando o texto é fácil, o conteúdo semelhante aumenta a velocidade de leitura e a precisão e palavras específicas não são tão importantes. Em outras palavras, é mais provável que as pessoas leiam textos difíceis no nível da palavra (mais foco na decodificação) e processem com menos eficiência o significado. Quando as pessoas lêem em um nível adequado de dificuldade, elas lêem apenas pelo significado, e palavras em particular não importam tanto.

A dificuldade das histórias pode “induzir” a velocidade da leitura, e, em consequência, pode vir a determinar a quantidade de significados extraídos do texto.

O nível de dificuldade do texto é extremamente importante, pois a velocidade está ligada ao nível de dificuldade. Leitores muito lentos deveriam começar lendo passagens em seu nível de leitura ou logo acima, não em seu nível de série. Uma vez que a velocidade de leitura melhora, as histórias deveriam aumentar em dificuldade. (MCGUINNESS p. 158, 2006)

As histórias e textos trabalhados em sala de aula muitas vezes estão de acordo apenas com o nível de ensino onde o sujeito se encontra. Mas, é interessante trabalhar com histórias do nível de leitura desses sujeitos, pois, isto poderá facilitar uma melhor velocidade e compreensão da leitura. Lembrando de aumentar o grau de dificuldade conforme for aumentando o nível de compreensão do leitor.

2.4. Desenvolvimento da compreensão da leitura

“A leitura exige manejo de informações muito complexas provenientes do texto impresso”. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, p. 139, 2005)

Para Allende e Condemarín (2005) a maioria das crianças, à medida que progride nas habilidades de leitura e quando se depara com materiais adequados, desenvolvem de forma espontânea as principais estratégias para compreender textos escritos. Muitas crianças, no entanto, em determinados momentos, necessitam de um ensino específico de certas habilidades de leitura.

Nem sempre os textos trabalhados em sala de aula são fáceis. Muitos exigem raciocínio lógico, assim como reflexões dos sujeitos que o lêem. Algumas crianças conseguem dar conta do conteúdo apresentado com facilidade, outras precisam desenvolver esta habilidade ainda. Para isso, é importante o professor conhecer diferentes métodos para ajudar estes alunos a compreender o texto lido.

Um dos métodos possíveis de serem utilizados no desenvolvimento da compreensão da leitura podem ser perguntas formuladas pelo professor. Estas perguntas podem vir a servir como modelos para os estudantes aprenderem a formular as suas próprias.

Ensinar compreensão é conseguir que os estudantes aprendam a formular as suas próprias perguntas e a estruturar o seu próprio pensamento, de modo que possam chegar a ser independentes no processo de ler e aprender com um texto. Esse processo implica reagir diante de uma página impressa

com perguntas ou hipóteses que são contestadas ou confirmadas pelo texto, enquanto o estudante lê e se relaciona com ele. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, p. 140, 2005)

Assim, o propósito de ensinar os estudantes a formularem suas próprias perguntas não é apenas para eles obterem informações, mas também para ensiná-los a ler e a compreender o texto.

Segundo Allende e Condemarín (2005), para se ensinar a compreensão ativa, deve-se fazer ao leitor uma pergunta da qual possa surgir outra e não apenas uma resposta. Segundo os autores, uma estratégia importante para ensinar a compreensão é fazer perguntas antes de ler.

As perguntas prévias são direcionadas para estruturar o conhecimento prévio e para estruturar o texto. O papel dessas perguntas ativas na compreensão é manter uma atitude de antecipação e de busca por parte do leitor que desenvolve a leitura crítica. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, p. 141, 2005)

Além das perguntas prévias, é importante a criança tomar consciência das interações que ela realiza em sua comunicação com a linguagem escrita e de como ela desenvolve estratégias naturais para lidar com a informação complexa para reconstruir o significado do que foi lido. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

Desta forma, quando o estudante não consegue entender o significado de determinada palavra, é importante recomendar a ele para continuar a ler e esperar o contexto lhe dar os indícios necessários.

Quando o texto carece de fotos ou ilustrações, a criança deve ter consciência de que deve descobrir por si mesma o significado das palavras (indício semântico) a partir do contexto, como um detetive em busca de pistas.(ALLIENDE; CONDEMARÍN, p. 141, 2005)

As crianças com dificuldades para ler podem, através desse método, fazer consideráveis avanços na compreensão, a partir do momento em que se conscientizam da presença desses indícios contextuais. Porém, quando a palavra não é explicada ou esclarecida no contexto lido e continuar aparecendo, o dicionário deverá ser consultado.

2.5. A relevância da leitura no contexto familiar

Para Bamberger (1995), o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, começa no lar, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida a fora.

Desta maneira, o hábito da leitura precisa ser adquirido. Desde cedo a criança deve entrar em contato com o mundo da leitura, por meio de livros, gibis, revistas, etc. O papel da família é de suma importância, ela deve ser a primeira a incentivar a leitura.

A familiaridade com a leitura, particularmente, pode conduzir a práticas voltadas para a criança, de grande importância para o “sucesso” escolar. Quando a criança conhece, ainda oralmente, histórias escritas lidas por seus pais, ela capitaliza – na relação afetiva com seus pais – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção escrita. Assim, o texto escrito, o livro, para a criança, faz parte dos instrumentos, das ferramentas cotidianas através das quais recebe o afeto de seus pais. Isto significa, para ela, afeto e livros não sendo duas coisas separadas, mas bem associadas. (LAHIRE, 1997)

Segundo Corsi (2014), a leitura oral proporciona momentos de interação, de atenção, de diálogo entre ouvintes e o mediador do texto. O gosto e o despertar pela leitura se devem a esse primeiro contato com a voz e, posteriormente, através do contato com livros impressos e ilustrados com os quais a criança estabelece relações afetiva, emotiva, sensorial e não simplesmente cognitiva.

Logo, os familiares com o hábito de ler poderão ajudar a criança no aprendizado da leitura e da escrita, estimulando-a a gostar de livros, mostrando o que estes podem oferecer. A associação de afeto ao livro transmitido por seus familiares pode ser um fator contribuinte, de maneira expressiva, para o gosto pela leitura. É importante os familiares lerem frequentemente para as crianças e introduzirem a leitura em suas vidas da maneira mais prazerosa possível.

“O fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto “natural” para a criança, cuja identidade social poderá construir-se, sobretudo, através deles (ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros...)” (LAHIRE, 1997, p. 20)

Porém, o que fazer quando a criança está inserida em um ambiente onde os pais não sabem ler ou escrever?

No Livro de Lahire (1997), “Sucesso Escolar Nos Meios Populares: As razões do improvável”, o autor busca entender como crianças com grandes probabilidades de fracassar na escola obtiveram sucesso escolar. Dentre os diversos perfis de crianças traçadas por Lahire através de entrevistas, podemos citar o exemplo de uma das crianças, estudante do ensino fundamental. Seu nome é Souyla, sua residência é na França, seus pais são estrangeiros, não dominam a língua francesa e são analfabetos. Souyla tem 10 irmãos e a renda familiar de sua família é baixa, porém bem administrada. Como Souyla e seus 10 irmãos foram capazes de obter sucesso escolar, quando não há dentro de casa pais leitores? Lahire nos responde isso. Na casa de Souyla, há um grande incentivo por parte dos pais, para o estudo dos filhos. O pai de Souyla faz de tudo para estimular o gosto pela leitura e estudos, o incentivo é muito grande, e as crianças veem a dificuldade de seus pais por não saberem ler, pois dependem dos filhos para quase tudo, desde organização de documentos a idas ao banco. O incentivo é muito grande, não só pelos pais, mas também pelos irmãos mais velhos.

O caso de Souyla é o exemplo de um “sucesso” escolar numa configuração familiar que, em relação aos critérios sociológicos habitualmente considerados (profissão, nível de diploma dos pais, números de filhos), não parece poder preparar eficazmente

para bons desempenhos escolares. Pais analfabetos, um pai aposentado, ex-operário de obras públicas, com um discurso muito implícito, dominando fracamente o francês, não conhecendo o sistema escolar (suas exigências, as classes de seus filhos, seus desempenhos), pais que vivem uma ruptura cultural e, principalmente, linguística com os próprios filhos, onze filhos... não seria preciso tanto para compreender uma situação de “fracasso” escolar. E, no entanto estamos com um caso realmente, de “sucesso”. De início, esse caso prova que o investimento pedagógico não é a única e exclusiva chave para conseguir que, do ponto de vista, as crianças, em meios populares, tenham “êxito”. Os pais, neste caso, exercem uma vigilância moral que ultrapassa muito o caso da escola. Não podendo ajudar os filhos na escola, o importante para eles é fornecer-lhes boas condições de vida, dar-lhes o que precisam, para trabalharem o melhor que possam. (LAHIRE, p. 192, 1997)

Souyla recebe auxílio e incentivo principalmente de suas irmãs mais velhas, estudantes do segundo grau do ensino médio. Aqui, percebemos a importância da família neste processo de desenvolvimento da leitura, uma vez que, assim como cita Lahire (1997, p.196):

Através desse sistema de auxílio mútuo, mostra-se a Souyla a importância social, simbólica, no próprio seio da estrutura de coexistência familiar, dos que sabem ler e escrever. Aliás, Souyla inventa na entrevista, dizendo que os pais pedem para ler a correspondência e escrever as cartas. Mostra, assim, que se identifica com o papel das irmãs mais velhas e que dá valor ao fato de saber ler e escrever.

As irmãs mais velhas assumem um grande papel na educação de Souyla, elas lhe contam histórias, levam-na à biblioteca e ajudam nas tarefas de casa. Apesar de seus pais não saberem ler, Souyla obteve contato com a escrita desde cedo, através do incentivo dado por seus pais às suas irmãs e irmãos.

Segundo Petit (2009), na França, o número dos grandes leitores é duas vezes maior entre aqueles beneficiados por histórias contadas pelos familiares todos os dias em relação àqueles que não ouviram nenhuma. Porém, deve-se cuidar para não fazer a experiência prazerosa se tornar negativa, como cita Lahire (1997, p. 21):

Inversamente, podem surgir experiências com o texto impresso negativas ou ambivalentes em famílias onde os livros são: 1) respeitados demais, arrumados assim que oferecidos, não tendo a criança o direito de tocá-los sozinha; 2) oferecidos como brinquedos que as crianças têm de aprender a manejar sozinhas de imediato. A questão não se limita, portanto à presença ou ausência de atos de leitura em casa: quando existe a experiência, é preciso sempre se perguntar se é vivida positiva ou negativamente e se as modalidades são compatíveis com as modalidades da socialização escolar do texto escrito.

Portanto, é preciso tomar muito cuidado, pois se pode tornar uma experiência que deveria ser positiva em negativa. O manuseio de livros não deve ser algo gerador de medo ao se tocar, para não estragar o objeto. O contato deve ser prazeroso e não traumatizante. Os familiares precisam incentivar a leitura mostrando o quanto é gostoso saber ler, tudo que é possível através da leitura, todas as informações possíveis de serem compreendidas. O quão importante e legal é a leitura. Sendo a melhor maneira de se mostrar: ler. Ler na frente da criança e para a criança. Leituras do interesse da mesma, que despertem a curiosidade e promovam o interesse pela leitura.

Para Allende e Condemarín (2005), a imersão num ambiente letrado desde a infância, facilita à criança a possibilidade de abstrair a linguagem escrita de seu contexto e de descobrir as regras necessárias para transformar os sinais visuais espaciais em seus equivalentes verbais e progredir.

A maioria dos bons leitores provém de lares letrados onde há permanente presença de livros, revistas, jornais, publicidade, etc., e nos quais a família investe em sua aquisição, comenta as notícias e os livros lidos, recebe e envia correspondência pelo correio tradicional ou eletrônico, deixa recados escritos, consulta dicionários e enciclopédias. Em suma, são lares mergulhados em um mundo letrado, os materiais impressos são parte natural de seu ambiente cotidiano. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005)

Sendo assim, a família tem papel fundamental na aquisição pelo gosto da leitura, nela surgem os primeiros estímulos para o desenvolvimento dos processos de leitura.

Para conseguir que os alunos leiam e se tornem leitores interessados e seletivos, não basta o trabalho do educador. Necessita-se da colaboração

sistemática da família e da comunidade escolar especialmente, porque muitas instituições e meios audiovisuais competem pela ocupação do tempo livre dos estudantes. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005)

A escola e a família quando trabalham em conjunto, promovem à criança uma maior facilidade na compreensão e no prazer pela leitura, pois a vida da criança é dividida entre escola e família. Se em conjunto, escola e família possibilitarem tempo, espaço e estímulo para realização da leitura, esta se tornará algo agradável, se trabalhada de maneira correta.

A criança precisa ser incentivada a ler. O incentivo pode ser descobrindo aonde se encontra o interesse desta criança. Se ela gosta de futebol, pode-se oferecer um livro sobre futebol. Se ela gosta de aventura, um livro de aventura. Lembrando que o livro deve estar de acordo com a faixa etária. Um livro de complexidade alta não vai ajudar a criança a se interessar pela leitura, ao contrário, pode desestimulá-la.

2.6. A importância da leitura na sala de aula

De acordo com Kleiman (2004), a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura, e segundo Curto; Morillo e Teixidó (p. 63, 2000), “não se aprende espontaneamente a ler nem escrever. Ninguém o faz se não lhe for ensinado intencional e explicitamente”.

Sabemos desta maneira, que a escola é um dos contextos onde a criança vai entrar em contato com o universo da leitura, por isso, é de extrema importância os profissionais atuantes neste espaço saberem como trabalhar com determinado processo de aprendizagem.

Para Curto, Morillo e Teixidó (2000, p.64), “uma das funções capitais da escola é, justamente, a função de alfabetizar a população, ou seja, possibilitar o acesso à cultura escrita”. Nessa perspectiva, através da escola o sujeito aprenderá a ler e a escrever e a se tornar um cidadão crítico e reflexivo, capaz de atuar na sociedade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p. 58)

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torna-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Para Zilberman (1988, p.16) a escola “conduz ao ato de ler”. Assim, a leitura dentro da escola, desde a alfabetização, deve ser vista como uma fonte de prazer, de motivação, de conquistas, para desta forma, a criança começar a gostar de ler e se interessar pela leitura.

Segundo os Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa (2000), é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades de compreensão.

Neste sentido, é de suma importância a leitura na sala de aula ser explorada e trabalhada de maneira correta. A leitura não deve ser trabalhada para ser decodificada, mas sim compreendida. A criança precisa entender o que está lendo, e para isso a escolha dos textos a serem trabalhados na sala são essenciais para obter a compreensão. É necessário escolher textos de acordo com o interesse dos alunos. Textos correspondentes à sua faixa etária, com linguagem apropriada, que promovam curiosidade e pensamento crítico em seus leitores.

Para Magnani (1994), se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Desta forma, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores.

É preciso ler, é preciso ler...

E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse partilhar sua própria felicidade de ler?

A felicidade de ler? O que é isso, felicidade de ler? (PENNAC, 1998, p. 21)

Conseguimos compreender o papel fundamental do professor no incentivo ao gosto pela leitura, sendo ele uma figura muito importante na vida do aluno, e, como defende Magnani, se o gosto se aprende, pode ser ensinado. Se o professor demonstrar interesse, felicidade, prazer e estímulos positivos sobre a leitura, o aluno poderá reconhecer nesse exemplo um comportamento positivo em relação à leitura, e, conseqüentemente, vir a se interessar mais.

É importante ressaltar, no entanto, o fato de que um leitor não se forma somente através de propaganda de conscientização e incentivo à leitura e de bons exemplos, ele se forma através do contado com a leitura, de experiências prazerosas que o faça buscar mais do que lhe é oferecido, de procurar por si mesmo aquilo que lhe agrada e necessita. Assim, o trabalho dos professores, no Ensino Fundamental, mostra-se extremamente importante, pois os primeiros contatos com a prática da leitura marcarão o leitor. (CORSI, 2014)

Cabe então ao professor, desempenhar um dos papéis mais importantes dentro da sala de aula: o de ensinar as crianças a ler e a gostar de ler. O papel essencial da escola é ampliar o universo de leituras para seus educandos, mostrando a eles o poder da leitura no sentido de desenvolver a imaginação, o pensamento crítico, a reflexão, a interpretação, sendo também uma fonte de lazer e crescimento pessoal.

Corsi (2014, p.124):

O trabalho da escola com a leitura não deve ser estático, e sim dinâmico, uma vez que há a necessidade de criar estratégias diferenciadas para se trabalhar com as novas representações de leitura que são apresentadas constantemente pela evolução e mutação dos textos impressos e virtuais.

Vivemos em uma sociedade aonde as informações chegam a nós muito rápido, o imediatismo está muito presente em nossas vidas, inclusive na vida de nossas crianças. É interessante fornecer diversos meios para realização da leitura.

É necessário o professor estar atento ao gosto dos alunos e trabalhar de maneira dinâmica. Uma leitura muito pesada ou sem muito sentido para as crianças pode desestimulá-las a ler. Se as crianças estiverem interessadas em alguma notícia do momento ou sobre um assunto em comum da sala, este pode ser um dos meios a ser utilizado pelo professor, sempre estimulando o pensamento crítico dos mesmos, levando-os a refletir.

2.7. Como a escolha da literatura pode colaborar para o gosto pela leitura

Segundo Allende e Condemarín (2005), para estimular a leitura, a sala de aula necessita contar com uma variedade de textos fornecedores de amplas oportunidades para as crianças, em especial as provenientes de meios predominantemente orais, a fim de se familiarizarem logo com eles. Os textos devem ser literários em sua maioria, mas deve-se contar também com os denominados autênticos, quer dizer, textos funcionais correspondentes a seu ambiente, como catálogos, cartazes, propagandas, receitas, instruções, bulas, bilhetes de loteria, guias de televisão ou de espetáculos, notícias, tiras cômicas, embalagens de produtos variados, frases em camisetas, cartas, etc.

É importante proporcionar diariamente às crianças experiências positivas onde contos de fadas e outros tipos de literatura estejam envolvidos, especialmente quando isso não acontece nas famílias. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005)

Para Magnani (1994), as leituras preferidas pelos alunos podem e devem servir como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos (inclusive os produzidos pelos alunos), articuladas aos objetivos didático pedagógicos da série.

A leitura precisa ter um significado para a criança, deve-se levar em conta que ao ingressar na escola, ela traz consigo conhecimento adquirido através das leituras de mundo já realizadas. É importante aproveitar seus conhecimentos já existentes, suas experiências pessoais, a cultura na qual está inserido, e a partir daí o professor começar a intervir e a estimulá-los mais.

Para Allende e Condemarín (2005, p. 171):

À medida que os alunos chegam a um nível de leitura independente, aumenta progressivamente a sua capacidade como leitor. Isso deve ser aproveitado pelos professores, como o apoio da família, para proporcionar-lhes uma variedade de bons livros adaptados a seus interesses e com um nível de complexidade adequado. Além disso, deve-se planejar o tempo, tanto na escola como em casa, para que os alunos possam praticar a leitura como uma atividade prazerosa.

No ensino fundamental I, a escolha de obras complexas é realizada na maioria das vezes por causa de suas potencialidades formadoras. (ROUXEL, 2013). É muito importante a leitura confrontar o pensamento do aluno, o fazer pensar criticamente sobre o que está lendo.

O professor deve mediar a leitura, prevendo antes de escolher o texto, quais as dificuldades seus alunos irão enfrentar ao ler. Visando assim, escolher um texto desafiador para o aluno, mas ao mesmo tempo prazeroso, pois se a leitura se tornar maçante pode acabar desestimulando o gosto pela leitura.

Segundo Allende e Condemarín (2005), para o desenvolvimento da leitura ser considerado completo, é necessária uma progressiva aproximação das obras literárias, pois, segundo os autores, a literatura desempenha um papel crítico em nossas vidas. A literatura ajuda a nos compreender e a compreender os demais; proporciona diferentes perspectivas para examinar nossos pensamentos, sentimentos, crenças, preconceitos e ações; mostra a existência de múltiplas possibilidades, muitas verdades e nenhuma resolução definitiva. Assim, na medida em que a literatura mostra as motivações e os conflitos dos humanos frente a outros humanos, a eles mesmos, à adversidade, à natureza ou à incerteza, ela ajuda a tomar consciência dos próprios esforços feitos para

enfrentar desafios, ensina a observarmos a nós mesmos e evidencia a unidade e continuidade da condição humana refletida desde o passado até o presente e projetada até o futuro. A literatura permite aos estudantes encontrar a si mesmos, pôr-se no lugar dos outros, avaliar diferenças, solucionar problemas e aprender a explorar opções para eles mesmos e para a humanidade.

A literatura estimula o pensamento crítico e a imaginação do leitor, bem como, acaba flexibilizando o pensamento, a partir da interiorização da leitura realizada.

A leitura não deve ser afastada da literatura, mas sim levar a ela. O prazer e o entusiasmo pela leitura são estimulados quando os alunos participam de discussões sobre livros, círculos de leitura ou círculos de literatura (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

2.8. O papel do professor leitor

No Livro de Bettencourt (2000), conseguimos perceber novamente o quanto o estímulo familiar é importante. A autora comenta o fato de algumas professoras não se considerarem leitoras é justificado, em certos momentos, pelo pouco estímulo por parte de sua família, principalmente durante sua vida escolar. Percebe-se o quanto isto pode afetar sua vida profissional, enquanto sujeito capaz de estimular o gosto pela leitura na vida escolar de seus educandos.

Segundo Rolla (1995, p. 140):

O professor é quem faz o conhecimento circular, portanto deveria ter uma proximidade muito maior com os livros, ou seja, possuir um acervo pessoal. No entanto, o professor geralmente é proprietário de uma biblioteca formada quase que totalmente por livros didáticos e, quando necessita de algo que não possui, recorre à biblioteca escolar, que raramente é atualizada.

Para Bettencourt (2000), é possível notar que algumas professoras não têm o hábito de acrescentar ao seu acervo obras atualizadas, apenas mantêm as poucas obras adquiridas no decorrer do segundo grau e curso superior.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 58), “o professor precisa, particularmente, saber orientar, avaliar e elaborar propostas, isto é, interpretar e reconstruir o conhecimento”.

Historicamente, o docente responsabiliza-se pela escolha de determinada lógica didáticopedagógica, ameaçado pela incerteza quanto àquilo que, no exercício de seu papel de professor, deve ou não deve saber, pensar e enfrentar, ou evitar as dificuldades mais frequentes que ocorrem nas suas relações com os seus pares, com os estudantes e com os gestores. Atualmente, mais que antes, ao escolher a metodologia que consiste em buscar a compreensão sobre a lógica mental, a partir da qual se identifica a lógica de determinada área do conhecimento, o docente haverá de definir aquela capaz de desinstalar os sujeitos aprendizes, provocar-lhes curiosidade, despertar-lhes motivos, desejos. Esse é um procedimento que contribui para o desenvolvimento da personalidade do escolar, mas pressupõe chegar aos elementos essenciais do objeto de conhecimento e suas relações gerais e singulares. (BRASIL, 2013, p. 59)

Para ser capaz de interpretar e reconstruir o conhecimento se faz necessário um estudo, uma leitura dos conhecimentos a serem passados. Afinal como dito nas Diretrizes Curriculares Nacionais, o professor tem um papel muito importante na vida do educando, ele será capaz de provocar-lhes curiosidade, despertar motivos e desejos.

Para tais fins, o professor precisa trazer consigo uma leitura muito ampla, afinal ele será mediador dos conhecimentos a serem transmitidos. Para Bettencourt (2000, p.61), “para os professores serem realmente mediadores eficazes, torna-se imprescindível que o trabalho com a leitura realmente aproxime os alunos dos textos escritos”.

Em uma pesquisa realizada por Bettencourt (2000), percebe-se a preocupação por parte de alguns professores, em mostrar a seus alunos a importância da leitura e apresentá-la como algo interessante e divertido. Porém,

há outra parte de docentes parecendo repetir os “erros” sofridos por eles enquanto alunos em seu processo de formação.

Uma questão que não pode ser esquecida diz respeito a figura do professor que não gosta de ler, por causa de lacunas na sua própria formação escolar. Em função disso, as metodologias utilizadas nas aulas de leitura com as crianças acabam sendo repetição do que ele conheceu como aula de leitura [...] pois não há a intenção de se formar leitores críticos e maduros (BETTENCOURT, 2000, p. 25).

Segundo Bueno, Catani e Sousa (2003, p.29), “[...] pensa-se que as próprias práticas profissionais dos indivíduos enquanto docentes devem muito aos processos formadores que eles próprios experimentam ao longo de seu desenvolvimento”.

Bettencourt (2000) relata ser possível notar o fato das professoras declaradas leitoras não ideais, por suas experiências frustrantes com a leitura no ambiente escolar, principalmente por terem sido obrigadas a realizar leituras desinteressantes e a preencher fichas de leitura, estarem cobrando a leitura de obras de seus alunos de forma semelhante.

Bettencourt (2000, p. 25), ressalta:

O professor acaba se apoiando no livro didático, com todas as suas falhas, para trabalhar com leitura. Constatou-se, assim, um problema: os professores estão passando para seus alunos uma concepção muito limitada do processo de leitura.

Silva (p.38, 1986), explana sobre as falhas metodológicas utilizadas por professores que não obtiveram uma formação aonde foram contemplados elementos de teoria sobre a leitura:

Sabemos que a leitura é um forte elemento motivador de evasão e repetência escolar – isto porque os professores ainda colocam em prática uma didática completamente ultrapassada e retrógrada para o encaminhamento da orientação da leitura. Em

verdade, a orientação para a leitura, fornecida pelos professores, parece ocorrer através do processo de ensaio-e-erro e, pelo que se constata, com mais erros do que acertos. Como esses professores não estudaram, durante o seu período de formação, elementos de teoria da leitura, os procedimentos pedagógicos são adotados através de um mecanismo de “imitação”, desconsiderando as características de clientela escolares específicas.

Em complemento, Lerner (2002), diz que para formar leitores autônomos na instituição escolar não basta apenas modificar os conteúdos do ensino, é necessário, além disso, gerar um conjunto de condições didáticas para autorizar e habilitar o aluno a assumir sua responsabilidade.

Ferreira e Dias (2002) compartilham da ideia de Smith (1999) e Solé (1998). Para eles, a resolução do problema da formação de leitores dentro da escola não está na disseminação de novos métodos de ensino, em geral, elaborados por especialistas distanciados da realidade escolar e da sala de aula; mas sim, na mudança da concepção do professor em relação à leitura e que está na base de sua ação pedagógica e a orienta. Segundo Ferreira e Dias (2002), para tal, o professor precisa se envolver com a leitura enquanto objeto de conhecimento, compreendendo a sua natureza, os processos cognitivos nela envolvidos e o modo como a criança aprende, o que, por sua vez, exige um projeto de formação de professores continuamente assistida, onde este possa ser auxiliado no processo de aproximação e exploração deste objeto, valorizando-se o seu saber pedagógico prévio.

Deste modo, o professor precisa se envolver com a leitura, pois ele será um sujeito de muita importância nos processos de desenvolvimento da mesma. Faz-se necessária uma formação de professores assistida, para valorização de seu saber e suas implicações dentro do contexto educacional.

Em termos de pedagogia da leitura, para Silva (1986), é preciso haver uma reformulação radical nas formas de encaminhamento da leitura na escola. Reforçando desta maneira, a necessidade de uma formação preparada dos profissionais para melhorar sua metodologia em sala e conseguir preparar a estrutura cognitiva dos alunos-leitores, com conhecimentos prévios para compreenderem aquilo que foi lido.

2.9. Como o hábito pela leitura estimula a imaginação, o pensamento crítico e reflexivo

Para Allende e Condemarín (2005), através de uma longa prática de leitura, o bom leitor é capaz desenvolver uma série de habilidades espontâneas de compreensão textual.

Quando o leitor domina o texto, é capaz de lembrar-se do que leu, suprir os elementos que não lhe são fornecidos, antecipar fatos e modalidades linguísticas, julgar criticamente os conteúdos. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, p.139, 2005)

O domínio da leitura não só leva a ler bem, significa também a aquisição de um instrumento vinculado à totalidade da vida cultural do leitor. Depois dos primeiros anos de educação fundamental, grande parte da atividade escolar se baseia na leitura como meio de estudo; a formação escolar fica mediada pela leitura. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005)

Como já comentado brevemente no decorrer do nosso trabalho, ao ler, a criança entra em um mundo diferente, ela entra no mundo do personagem descrito no livro. Ela se imagina no lugar do personagem e acaba sentindo as mais diversas emoções. Ela é capaz de colocar-se no lugar do outro, desenvolvendo a empatia, fundamental para a convivência em sociedade. A literatura permite também um aprendizado diferenciado, a criança torna-se capaz de solucionar problemas e viver situações talvez jamais imaginadas por ela.

O interesse pelas leituras vai modificando-se conforme o desenvolvimento do leitor e de suas novas experiências, tanto de leitura quanto de vivência cotidiana. O mais importante, é o ato de procurar na literatura o que está em seu desejo de aprender e conhecer. A própria leitura traz diversas possibilidades de interessar-se por novos conhecimentos, antes desconhecidos ou sem relevância. (MARAFIGO, 2012)

É importante ressaltar que a leitura promove possibilidade do sujeito se interessar por assuntos ou conhecimentos não pertencentes ao seu interesse inicial, por talvez estes não fazerem parte de seu cotidiano. Mas este é o diferencial trazido pela leitura. Por meio dela, o indivíduo é apresentado a um mundo diferente, onde é capaz de ter acesso aos mais diversos conhecimentos, antes ignorados por ele, pelo simples fato de muitas vezes sequer saber da existência destes conhecimentos, ou até mesmo porque não tinha interesse em compreendê-los.

Segundo Kleiman (2004), a leitura possibilita a compreensão do mundo, a comunicação com os outros, a formação pessoal e profissional, o questionamento de ideias, momentos de lazer, prazer e de estímulo à imaginação, isto acaba ampliando os conhecimentos de mundo. Sendo assim, é preciso oferecer às crianças a oportunidade de leitura de forma convidativa e prazerosa. Nesse sentido, o incentivo à leitura desempenha um importante papel: o de conduzir as crianças a um mundo novo e desconhecido.

O conhecimento sobre os mais diversos temas pode ser internalizado principalmente pela leitura. A leitura abre um leque de possibilidades sobre os mais diversos assuntos, além de ser um “importante instrumento para libertação” (SILVA, p. 11, 1986). Segundo Silva (1986), após estudos aprofundados sobre tais questões, o ato de ler, se efetuado dentro de moldes críticos, é um “ato perigoso” àqueles que ilegitimamente dominam o poder.

O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as. Aos dominadores, exploradores ou opressores interessa que as classes subalternas não percebam e nem expliquem as estruturas sociais vigentes e o regime de privilégios.(SILVA, p. 12, 1986)

Para Silva (1986), as possibilidades do exercício da crítica através da leitura de livros são bem maiores comparadas àquelas proporcionadas por outros meios de comunicação, uma vez que:

A censura de livros não é semelhante à censura da televisão ou rádio. O aumento do público leitor significa o acesso a informações não atingidas pela “tesoura” da censura e, por isso mesmo, mais objetivas em termos de colocação. Imagine o “problema” que seria criado para a ideologia dominante se a maior parte da população brasileira tivesse acesso, por exemplo, à leitura das obras completas de Marx, Engels, Mao Tse Tung, Gramsci, Paulo Freire, etc. (SILVA, p. 13, 1986)

Pelo fato de os livros não serem tão censurados como outros meios de comunicação, fica claro o quanto a leitura de livros pode ser um instrumento libertador e um meio para a reflexão crítica dos sujeitos. Porém, para o autor, nem todos têm acesso a esse tipo de literatura, e, “a existência de livros disponíveis e de fácil acesso não garante, por si só e necessariamente, o surgimento da leitura enquanto uma experiência de prazer de conhecimento objetivo da realidade.” (SILVA, p. 14, 1986)

Ao leitor do texto literário cabe, então, não só compreender, mas também imaginar como a realidade poderia ser diferente; não só compreender, mas transformar e transformar-se; não só transformar, mas sentir prazer de estar transformando. (SILVA, p. 26, 1986)

Para Lima e Silva (2013), o hábito de leitura deve ultrapassar os obstáculos das atividades obrigatórias. O incentivo precisa ocorrer com os conteúdos sendo adequados às necessidades intelectuais e às mudanças de ambiente no qual a criança está inserida.

Assim, para o gosto pela leitura ocorrer, para se desenvolver o pensamento crítico e libertário, não basta apenas ter acesso a obras literárias, mas é necessário um estímulo, uma problematização do que foi lido, e, o professor é um dos sujeitos capazes de fornecer tais subsídios para a concretização deste fato. Mas, para isso acontecer, precisamos olhar para nossa formação enquanto professoras e entender a importância de nossos atos em sala. Somos capazes de fornecer para os educandos novos olhares perante determinadas situações e diferentes ideias.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é uma das mais importantes portas de entrada para o conhecimento, e, buscar respostas para os questionamentos a respeito dos processos do desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, é um desafio, pois são múltiplas as questões que envolvem este tema.

Sabemos que a leitura é uma habilidade muito importante para o desenvolvimento da comunicação oral, escrita e em consequência, para o pensamento crítico. Como futuras pedagogas e professoras, não podemos deixar de pensar e repensar em nossas próprias práticas enquanto transmissoras de determinados conhecimentos. Através deste trabalho, fomos capazes de entender como a formação do educador influencia na maneira do mesmo transmitir seus aprendizados.

Aprender a ler significa aprender a ler o mundo, e a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, seguido as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1999,p.34).

A escola possui um papel muito importante neste processo, é um dos contextos onde a criança irá entrar em contato com o universo da leitura. Assim, é preciso obter materiais didáticos, livros literários adequados às faixas etárias e que estejam em fácil acesso, tanto para uso dos professores quanto dos alunos, sendo a biblioteca um lugar de extrema importância dentro do espaço escolar.

Além da escola e dos professores, o contexto familiar pode ser um grande aliado neste processo de formação de leitores. O estímulo familiar é um grande fator contribuinte para o gosto pela leitura, nela podem vir a surgir os primeiros contatos com o mundo letrado. “A maioria dos bons leitores provém de lares letrados em que há permanente presença de livros”. (ALLIENDE e CONDEMARÍN, p.170, 2005). Logo, os familiares com o hábito de ler, poderão

ajudar a criança no aprendizado da leitura e da escrita, estimulando-a a gostar de livros, mostrando-a o que estes podem oferecer.

Portanto, um trabalho em conjunto entre escola e família, pode promover à criança maior facilidade na compreensão e no prazer pela leitura. Assim como também o professor mediador da leitura, prevendo antes de escolher o texto a ser trabalhado, quais dificuldades seus alunos irão enfrentar ao ler, a ponto de o texto ser desafiador e ao mesmo tempo prazeroso.

Neste trabalho procuramos discorrer sobre a importância da leitura na sala de aula e, nesta busca foi possível compreendermos também a relevância dos estímulos da leitura no contexto familiar, além de entendermos como a escolha da literatura pode colaborar para o gosto pela leitura.

Discutimos ao longo do trabalho como o hábito pela leitura estimula a imaginação e o pensamento crítico, entendemos a relação entre a fluência em leitura, velocidade e compreensão textual, compreendemos o que é ler e quais os tipos de leitura, apontamos a relevância da releitura, discutimos o papel do professor leitor e compreendemos como é realizado o desenvolvimento da compreensão da leitura.

Assim, acreditamos que esse trabalho colaborou com a nossa formação no sentido de nos ajudar a compreender a relevância da leitura para aprendizagem da criança a partir de estímulos na sala de aula e no contexto familiar, além de conseguirmos entender a importância que a leitura exerce em nossas vidas, não só enquanto profissionais, mas como formadoras de cidadãos críticos que serão capazes de indagar, interpretar e refletir o que lhes for apresentado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo. Editora Atica, 1995.
- BETTENCOURT, M.F.A. **A leitura na vida do professor**. Universidade de Passo Fundo, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília, 2013.
- BUENO, B. O. CATANI, D. B. SOUSA, C. P. **A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. 2003
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Editora Scipione, 1993.
- CORSI, FabríciaMugliorato ... [et al.]. **Leitura e escrita na educação básica: socializando pesquisas, ensino e práticas**. Porto alegre: CirKula, 2014.
- CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. **Escrever e Ler. Vol. 1: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FERREIRA, S. P. A; DIAS. M. G. B. B. **A escola e o ensino da leitura**. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100007&lng=pt&nrm=iso Acesso: 04/11/2015
- Foucambert, J. (1994). **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 28 ed. São Paulo. Editora Cortez, 1993
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 9. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar Nos Meios Populares: As razões do improvável**. 1997.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre. Artmed. 2002

LIMA, Gabriela Rodrigues Garcia de. SILVA, Rafael Bianchi. **O papel da família no desenvolvimento do hábito de leitura: perspectivas na formação docente**. Revista Eletrônica de Educação, Ano VI, Nº. 11 Jan/Dez 2013. Disponível em: http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2014/4/659_1150_publicpg.pdf Acesso em: 04/05/2015

LOYOLA, J.S.S. **Jornal Alfabetizador**. Ano VIII, nº 46. Porto Alegre, KumatupLtda, 1993

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Série Idéias n.13**. São Paulo: FDE, 1994. p.101-106.

MARAFIGO, E. C. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. 2012. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>

MARTINS, Maria Helena – **o que é leitura** – São Paulo, Brasiliense, 1999.

MCGUINNESS, Diane. **O ensino da leitura inicial: o que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MOLINA, O. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudos**. São Paulo: Ática, 1986.

PACHECO, E. D. **As práticas de ensino no contexto das linguagens verbais e não verbais**. Anais do 8º COLE: Associação de leitura do Brasil. Campina: Unicamp. 1991

Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIRES, T. **A leitura na formação integral do ser humano nas séries iniciais**. 2011

ROLLA, A. R. **Professor: perfil de leitor**. Porto Alegre, 1995.

ROUXEL, A. **Leitura de literatura na escola**. In: DALVI, M. A; REZENDE, N. L; JOVER-FALEIROS (ORGS). São Paulo, SP: Parábola, 2013.

SILVA, E. T. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

WITTER, Geraldina Porto. **O direito de ler**. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) [online]. 1997, vol.1, n.2-3 [cited 2015-08-23], pp. 75-77 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85571997000100010&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1413-8557. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571997000100010>. Acesso em: 23/08/2015

ZILBERMAN, Regina. **A leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. POA: Mercado Aberto, 1988.